

# A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ANTROPOLOGIA NO NORDESTE, EMBATES ENTRE GÊNERO E REGIÃO

Rita de Cássia Melo Santos<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-9368-6176>

Mércia Rejane Rangel Batista<sup>2</sup>

 <http://orcid.org/0000-0003-4995-1117>

Este dossiê surge de uma preocupação comum entre duas antropólogas com trajetórias profissionais situadas no Nordeste Brasileiro. De uma parte, Mércia Batista, que ingressou na UFPB na década de 1990; de outra, Rita de Cássia Melo Santos, que teve seu ingresso na UFPB em 2016, após a divisão da instituição. Com períodos de inserção distintos, as duas antropólogas compartilhavam uma certa inquietação com o longo processo de consolidação da antropologia na região desde uma perspectiva de gênero.

Fundada em 1952, a UFPB faz parte do grande ciclo de investimentos do governo federal na reunião das faculdades e escolas técnicas no modelo francês de universidade. Primeiramente intitulada Universidade da Paraíba, reunia instituições de já reconhecida importância nacional, como a Escola Politécnica de Campina Grande, que abrangia, dentre outros, os cursos de Engenharia Civil e Elétrica.

Os cinquenta anos entre a criação da Universidade da Paraíba e o seu desmembramento em UFPB e UFCG, em 2002, foram marcados por diferentes processos. Nesse longo período, merece destaque a atuação de Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, reitor na segunda metade da década de 1970, que buscou, na contratação de profissionais qualificados e na expansão da universidade, a força fundamental para o desenvolvimento da região. É nesse contexto que emergiram algumas das trajetórias profissionais femininas que aqui recuperamos; sejam estas diretamente contratadas por ele, sejam deslocadas por meio da incorporação de seus esposos na expansão da instituição. Buscando excelência acadêmica, Lynaldo muitas vezes recorreu aos quadros profissionais mais qualificados no exterior, legando uma internacionalização à Universidade da Paraíba bem antes do termo virar moda e principal diretriz do sistema de pós-graduação.

Esse ambiente que floresceu na Paraíba, sobretudo em Campina Grande, foi marcado também por uma grande efervescência cultural. A universidade respondia por uma vida cultural ativa na cidade onde vicejavam grupos de teatro, cineclubes, clubes de leitura entre outras atividades culturais

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [santos.cm.rita85@gmail.com](mailto:santos.cm.rita85@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: [mercia.batista1@gmail.com](mailto:mercia.batista1@gmail.com).

e acadêmicas. Quando Mércia Batista ingressou em seus quadros, no início da década de 1990, o clima já era outro. Marcado pelo retorno daqueles contratados por Lynaldo de Albuquerque às suas cidades de origem, a Universidade da Paraíba e mais especificamente a cidade de Campina Grande já não realizava o sonho de futuro que fora preconizado.

Na corrida acadêmica empreendida no pós anos 90, os grandes centros passaram a reconcentrar os principais recursos financeiros e a ampliar as suas conexões com os centros internacionais de produção do conhecimento. Esses anos foram marcados pela concentração das pós-graduações nas principais metrópoles e com a grande desigualdade de capitais que marcou a produção do conhecimento nesse período. O neoliberalismo que marcou as duas décadas seguintes, e com ele o sucateamento das universidades, tornou o quadro mais dramático, somente vindo a ser discutido e criticado com a reampliação do sistema através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implementado a partir de 2007.

O ingresso de Rita de Cássia Melo Santos na UFPB, em 2016, marca o final desse ciclo de expansão das Universidades Federais do Brasil. Após a longa década de investimento no ensino superior e na expansão da pesquisa científica em todas as áreas, o ano de 2016, e com ele a deposição da presidenta Dilma Rousseff, conduz a um novo momento da produção acadêmica no Brasil para a qual ainda deveremos levar bons anos para compreender o seu real impacto. Entre os anos de 1952 e 2016, para simbolizar um grande corte que atravessa este dossiê, muitas nuances foram constituídas, especialmente quando nos detemos à análise das transformações vivenciadas no campo da Antropologia.

Se no princípio do período ainda poderíamos assinalar a coexistência da Antropologia Física e da Cultural; ao final do período, podemos reconhecer o triunfo da Antropologia de base Cultural e/ou Social. Ou, como adotado em muitos programas Brasil a fora, somente uma Antropologia, sem fazer quaisquer referências ao seu passado biologizante ou médico. É justo nessa passagem de uma Antropologia múltipla e em disputa para uma Antropologia situada na pós-graduação que residiu nosso interesse ao propormos o presente dossiê. Ademais, interessava-nos ainda assinalar a pouca visibilidade em termos de registro e reflexão à participação das mulheres ao longo deste processo. Pelos nossos indícios iniciais, havíamos coletado registros diversos de participação nas reuniões iniciais da Associação Brasileira de Antropologia fundada em 1955. Interessava-nos saber qual o destino dessas mulheres e qual a sua participação na construção da Antropologia na região, que muito mais tarde passou a exportar outros tantos estudantes a caminho dos centros de excelência situados no Sudeste e Centro-Oeste brasileiro.

Os artigos aqui apresentados, se não dão conta da completude dessas questões, nos permitem por outro lado entrever algumas dessas brechas e sinais. Instigadas por buscar essas frestas, Mércia Batista e Rita Santos se debruçaram sobre a produção antropológica que conta a história do campo

para entender como, através dessa produção, a antropologia no Nordeste foi narrada. Olhando desde uma outra perspectiva, Candice Vidal e Souza investe na análise das trajetórias de mulheres antropólogas na região e nos permite compreender uma série de limitantes e também potencialidades de suas trajetórias. A partir dessas trajetórias muito diversas, Candice Vidal e Souza nos permite conhecer as razões pessoais e profissionais determinantes na trajetória dessas mulheres, algumas delas pioneiras em sua atuação no Nordeste do Brasil.

Fabiano Gontijo e Maria Lídia Pessoa assumem uma destacada tarefa e, ao se debruçarem sobre a formação e consolidação do campo disciplinar da antropologia no Piauí, nos permitem observar as características que aí se apresentam distintivas, quando comparadas ao plano nacional: uma associação com a história, literatura, psicanálise, como também com o campo da arqueologia. O que o artigo nos oferece é a destacada presença das figuras femininas na formação do campo.

A partir do estudo de caso da trajetória de Ruth Trindade de Almeida, Carlos Xavier de Azevedo Netto nos mostra como se deu a relação da Antropologia com a Arqueologia para a região analisada. Pioneira no estudo dos sítios arqueológicos paraibanos, inseriu o Cariri Paraibano no cenário de pesquisas rupestres nacionais e internacionais, contribuindo inclusive para o seu tombamento pelo IPHAN, anos mais tarde.

Maristela Oliveira de Andrade, Rubens Elias da Silva e Francisca de Souza Miller, apropriando-se das distintas trajetórias, tomam a antropóloga Simone Carneiro Maldonado enquanto um tema que lhes permitiu apresentar as contribuições ao pensamento antropológico como também à constituição do campo da antropologia da pesca.

O estudo de Parry Scott sinaliza para a aproximação realizada entre os desafios apresentados ao exercício da Antropologia quando se configuram as obras de engenharia produtoras de grandes impactos com relação ao meio-ambiente e à população aí inserida. Apropriando-se da dimensão biográfica, o autor nos oferece a apresentação e discussão de três experiências nas quais a CHESF, atuando no submédio São Francisco, constituiu-se enquanto interlocutora das atividades desenvolvidas, envolvendo a expertise antropológica.

Maria do Rosário de Carvalho nos brinda com uma análise de sua própria trajetória por meio da qual recupera marcos históricos, situações experimentadas no contexto da Bahia, buscando nos apresentar que a implantação dos primeiros programas de pós-graduação não se fez em detrimento das práticas de reflexão sobre o campo da antropologia.

Carlos Guilherme Octaviano do Valle e José Glebson Vieira nos mostram que o percurso da institucionalização da antropologia enquanto disciplina acadêmico-científica no estado do Rio Grande do Norte e com as redes sociais que foram acionadas, sobretudo nas décadas de 1940 a 1970, não implicou uma disputa e rebaixamento do folclore enquanto atividade de menor valor / qualidade,

em comparação com a produção antropológica abrigada nos departamentos universitários, com ênfase nos espaços que vão se constituir da pós-graduação.

No escopo do dossiê aqui proposto, podemos dizer que o exercício apresentado nos indica que temos um campo bastante promissor para a construção de pesquisas e debates sobre a nossa rica e complexa história. Compõem ainda este dossiê a entrevista com Cristina Marin, além do ensaio fotográfico organizado a partir do acervo levantado com José Sérgio Leite Lopes.